

Fenômenos sobrenaturais?

Uma abordagem psicanalítica do demônio¹

Karin Hellen Kepler Wondracek²

Resumo: O texto traz a abordagem da psicanálise sobre o demônio em duas vertentes:

1. A interpretação que Sigmund Freud tece do demônio no texto *Uma neurose demoníaca do século XVII*: a representação do demônio é entrelaçada com os sentimentos reprimidos em relação ao pai. 2. A interpretação que Oskar Pfister realiza sobre o demônico na história do cristianismo: a teoria psicanalítica serve de subsídio para a compreensão do ocultamento da dimensão amorosa do Evangelho e do incremento da angústia.

Resumen: El texto presenta el abordaje del psicoanálisis acerca del demonio en dos vertientes: 1. La interpretación que Sigmund Freud teje del demonio en el texto *Una neurosis demoníaca del siglo XVII*: la representación del demonio es entrelazada con los sentimientos reprimidos con relación al padre. 2. La interpretación que Oskar Pfister realiza sobre lo demoníaco en la historia del cristianismo: la teoría psicoanalítica sirve de subsidio para la comprensión del ocultamiento de la dimensión amorosa del Evangelio y del incremento de la angustia.

Abstract: The text presents a psychoanalytical perspective on the demon from two angles: 1. The interpretation that Sigmund Freud weaves of the demon in the text *A demoniacal neurosis from the XVII century*: the representation of the demon is intertwined with the repressed feelings in relation to the father. 2. The interpretation that Oskar Pfister develops about the demonic in the history of Christianity: the psychoanalytical theory serves as a resource for comprehending the concealment of the love dimension of the Gospel and the enhancement of the anguish.

1 Este texto foi apresentado na mesa-redonda da Jornada “Fenômenos Inexplicáveis: uma abordagem interdisciplinar”, promovida pelo Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos em Porto Alegre, novembro de 2002.

2 Psicóloga e psicanalista, professora da EST. Membro titular do Núcleo de Estudos Sigmund Freud, mestra em Teologia. Vice-coordenadora do Grupo Independente de Pesquisas em Psicanálise e Religião, membro do Grupo de Pesquisas Teologia e Inter/transdisciplinaridade do IEPG e do Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos. Para contatos: wondracek@brturbo.com

1 - Introdução

Apesar de vivermos num mundo embalado pelos sons da técnica, o sobrenatural não perdeu seu lugar – talvez até tenha ganho mais espaço no processo de reencantamento do mundo, para contrabalançar o ritmo frenético do robótico e do virtual. Em tempos de inter/transdisciplinaridade, é preciso considerar a complexidade de cada fenômeno e portanto, a impossibilidade de uma explicação única. Este é o contexto relativizado desta tentativa de abordar os fenômenos sobrenaturais do ponto de vista psicanalítico. Neste artigo quero ressaltar alguns aspectos do contato de Freud com o sobrenatural, particularmente com o que, em geral, chamamos de demoníaco.

Para compreender a abordagem de Freud, é necessário lembrar que sua formação científica iniciou no laboratório do médico fisiologista Brücke, onde o cartão de ingresso era concedido mediante o juramento de só dar crédito ao que fosse empiricamente comprovado³.

A lógica científica que classificou como *real* apenas o observável pelos cinco sentidos deve ter sido a mesma que criou a classificação *natural* e *sobrenatural*, bem como a categoria *explicável* e *não-explicável*. Como ponto de partida desta reflexão, é preciso considerar, portanto, o tipo de cosmovisão a partir do qual se classifica o real, o natural e o explicável. Para Freud, era óbvio que a base deveria ser a *Weltanschauung* denominada de *científica*, irrecusável na sua época⁴. O que não era abarcado por este sistema recebia a classificação de *irreal*, *sobrenatural*, *inexplicável*. Rubem Alves ocupou-se deste tema e, de forma lúdica, teceu a analogia entre o método científico e o processo de pesca: dependendo das redes usadas, pescam-se determinados peixes⁵. O método denominado de científico nada mais é do que um determinado tipo de rede, capaz de segurar em suas malhas os fenômenos que se adaptam a ele. A crítica de Rubem Alves volta-se para a *crença* de alguns cientistas, de que abarcam, com suas redes, a totalidade do real.

2 - Freud e o demoníaco

A insatisfação com as redes oferecidas pela neurologia e psiquiatria fizeram Freud se aproximar da literatura, da antropologia e da mitologia. Foi em contato com estes saberes que alargou as malhas da sua rede e criou o

3 Para os pressupostos científicos de Freud, ver o texto da autora no livro *O futuro e a ilusão*.

4 A relação entre psicanálise e cosmovisão científica está discutida por Freud na Conferência XXXIII, das *Novas conferências da psicanálise* (1933). O. C., v. XXII.

5 R. ALVES, *Filosofia da ciência*.

conceito de *realidade psíquica*. Esta, tão ou mais poderosa que a realidade objetiva, pesca os peixes do mar do inconsciente: impulsos e afetos que se expressam como sonhos, atos falhos e sintomas neuróticos. Estes são reais para o sujeito que os produz, pois influenciam seu pensamento, sentimento e comportamento mais do que a realidade captada pelos órgãos dos sentidos. O âmbito da psicanálise alargou-se e, assim, habilitou-se a escutar outros sons e a pescar peixes de mares mais profundos.

A realidade psíquica também se expressa na conduta e no pensamento religioso; desta forma, a religião entrou na rede psicanalítica de interpretação, e o fato das malhas estarem firmemente amarradas com os nós do empirismo, aliado à descoberta do poder das fantasias infantis sobre o pensamento adulto, teve suas conseqüências⁶: o sobrenatural foi tratado com desconfiança por sua irrealidade empírica e por sua aproximação com sintomas neuróticos e com fases da infância⁷.

É conservando no horizonte esta singularidade que quero tecer uma aproximação freudiana ao sobrenatural através das fantasias a respeito do demônio. Para tal, escolhi o texto *Uma neurose demoníaca do século XVII* (1923)⁸. Neste escrito, Freud se debruça sobre um manuscrito no qual se relata o ingresso do pintor Christoph Haizmann na Abadia de Mariazell. O pintor pede ajuda aos religiosos por se encontrar em grandes apuros, alegando que vendera a alma ao demônio em troca do retorno da capacidade produtiva, perdida depois da morte do pai.

Na introdução, Freud explicita o olhar com o qual construiu sua rede de interpretação:

Os estados de possessão *correspondem às nossas neuroses*, para cuja explicação mais uma vez recorreremos aos poderes psíquicos. *A nossos olhos*, os demônios são desejos maus e repreensíveis, derivados de impulsos instintuais que foram repudiados e reprimidos. Nós simplesmente eliminamos a projeção dessas entidades mentais para o mundo externo, projeção esta que a Idade Média fazia; em vez disso, encaramo-las como tendo surgido na vida interna do paciente, onde têm sua morada.⁹

Investigando a história pregressa de Haizmann, Freud interpreta que este projetara no demônio os afetos ambivalentes que sentira em relação ao

6 Para as concepções freudianas sobre a religião, ver texto da autora em *O futuro e a ilusão*.

7 O primeiro enlace entre neurose e religião está descrito em *Atos obsessivos e práticas religiosas* (1908); a relação entre desamparo infantil e religião está interpretada em *O futuro de uma ilusão* (1927). Para uma análise dos textos de Freud, ver de Sérgio de Gouvêa FRANCO, *Os escritos religiosos de Freud: uma introdução*, in: Karin WONDRAČEK (Org.), op. cit.

8 S. FREUD [1923], O. C., v. XIX, p. 85-133.

9 *Ibid.*, p. 91.

pai, isto é, o ódio fora reprimido para manter na consciência apenas o amor pelo pai. A partir da concepção de que a representação de Deus alberga os afetos sentidos pelo pai durante a infância, Freud vai um passo adiante:

Se o deus benevolente e justo é um substituto do pai, não é de admirar que também sua atitude hostil para com o pai, que é uma atitude de odiá-lo, temê-lo e fazer queixas contra ele, ganhe expressão na criação de Satã. Assim, *o pai, segundo parece, é o protótipo individual tanto de Deus quanto do Demônio*. Mas deveríamos esperar que as religiões portassem marcas indeléveis do fato de que o primitivo pai primevo era um ser de maldade ilimitada – um ser mais semelhante ao Demônio do que a Deus.¹⁰

O demônio figura como representação do pai primevo, aquele que retirara dos filhos o direito ao gozo¹¹. O demônio é figura de projeção dos impulsos inaceitáveis para com o pai. Freud chama a atenção sobre certas características do demônio retratadas nas pinturas preservadas de Haizmann, como a presença de seios. A partir disto é estabelecido um paralelo com o texto freudiano sobre as memórias do senador Schreber, no qual os aspectos homossexuais e de submissão para com o pai são projetados na sua relação com Deus¹². No caso de Haizmann, Freud interpreta que os impulsos homossexuais para com o pai são projetados sobre o demônio. Desta forma, este recebe, além do ódio, a projeção dos aspectos reprimidos da sexualidade.

O manuscrito registra que Haizmann é exorcizado e aceito na ordem religiosa e experimenta sensível melhora. Freud conclui que tanto seu pacto com o demônio quanto seu ingresso na vida religiosa tem um único objetivo:

Ele quisera, em todo tempo, simplesmente tornar segura sua vida. Primeiro tentara consegui-lo com ajuda do Demônio, ao custo de sua salvação, e quando isso fracassou e teve de ser abandonado, tentara alcançá-lo com o auxílio do clero, ao custo de sua liberdade e da maioria das possibilidades de prazer na vida.¹³

Temos aqui um exemplo da rede freudiana de interpretação: a religião é sistema que protege das ameaças das pulsões sexuais e agressivas, às custas de sacrifício do prazer. O aparelho psíquico utiliza mecanismos de defesa que deformam os representantes das pulsões inaceitáveis, e deste modo consegue algum sucesso na evitação do sofrimento, mesmo que às custas da saúde psíquica. Uma destas formas passa pelos rituais religiosos,

10 Ibid., p. 111.

11 O mito da horda primitiva é a base sobre a qual Freud escreveu *Totem e tabu*, em 1912, onde aborda a constituição de rituais religiosos sobre a culpa pelo assassinato do pai primevo.

12 Caso Schreber [1911] – O. C., v. XII.

13 Op. cit., p. 131.

como os do exorcismo. A psicanálise mostra seu valor ao desvelar, na arqueologia do sujeito¹⁴, as suas projeções sobre a religiosidade. Pfister chama este processo de “retirada dos ídolos”, e louva a Freud pela possibilidade de purificar a religião¹⁵.

No entanto, para que a psicanálise atue neste papel interpretativo das formações do inconsciente, é necessário que ela explicita também seus limites: seu alcance está nas produções do seu objeto de estudo, o inconsciente humano. Na conclusão, veremos as conseqüências disto.

3 - Pfister e o demoníaco¹⁶

O demoníaco é um dos conceitos que leva o pastor Pfister a aproximar teologia cristã e psicanálise: tanto os impulsos que acossam o ser humano a partir do inconsciente como os ataques do demônio são vividos como alheios à vontade da pessoa. Eles se originam num *além*, fora da vontade consciente da pessoa, mas possuem força a ponto de ameaçá-la. O Id é denominado de “demônio secularizado” e o demônio da teologia é visto como um “Id traduzido ao religioso”¹⁷. Para Pfister, o laço entre teologia cristã e psicanálise é acentuado pelo fato de ambas atribuírem dupla origem aos impulsos indesejáveis:

Para a psicanálise, estas vontades contrárias estão no *consciente* e no *inconsciente*; neste último compõe-se basicamente da sexualidade com seus desejos incestuosos. Para a teologia cristã, as duas forças que se opõem à instância ordenadora são as *concupiscências*, ou no dizer de Paulo, “a carne”, e o poder que atua no ser humano e que “se diferencia das suas próprias forças mentais”¹⁸, o *demônio*. Na antropologia do Novo Testamento e na cosmovisão judaica, o demônio é o causador de enfermidades.¹⁹

O parentesco torna compreensível que a palavra *obsessão* (*Obsession*) seja derivada do bíblico *possessão* (*Besessenheit*). Com isto, também Pfister estabelece uma conexão entre a possessão demoníaca e a neurose: a opres-

14 Expressão cunhada por Paul Ricoeur, para ressaltar a função da psicanálise no trabalho retrospectivo da história do sujeito.

15 Carta introdutória ao texto resposta *A ilusão de um futuro*, in: Karin WONDRAČEK (Org.), op. cit., p. 18.

16 Oskar Pfister (1873-1956) – pastor e teólogo liberal, psicanalista e amigo de Freud, seu maior interlocutor nas questões religiosas. Ver *Cartas entre Freud e Pfister*: um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã.

17 *Neutestamentliche Seelsorge und psychanalytische Therapie*, 1934, p. 427. Texto apresentado no Congresso Psicanalítico de Lucerna de 1934 e publicado na revista *Imago*.

18 Oskar PFISTER, op. cit., p. 427.

19 Karin WONDRAČEK, *O amor e seus destinos*, p. 49ss.

são causada pela obsessão oriunda de um impulso reprimido no inconsciente pode migrar para uma compreensão religiosa da possessão. Ambas provêm de um *além* que invade e dita pensamentos, afetos e atos.

Pfister, como teólogo liberal, relativiza o mal, mas não me aprofundarei aqui nesta questão. Para o pastor suíço, o demônico é expressão da angústia; baseado em Freud, assegura que a angústia surge sempre que se reprisa o amor. Pfister retira de 1 João 4.18 o que se poderia chamar de *teoria cristã da elaboração da angústia* – “O perfeito amor lança fora a angústia”²⁰. A angústia é expressão da libido represada, como também é sinal de alarme perante o perigo de um conteúdo reprimido vir à tona. A pessoa se sente “tentada” pelo que reprimiu e o atribui a uma força alheia.

Um dos grandes achados de Freud foi estabelecer uma relação entre o desenvolvimento do indivíduo e do grupo: o grupo também experimenta conflitos entre seus impulsos amorosos e os agressivos, bem como se sente ameaçado pela sexualidade, e para se aliviar projeta os impulsos inaceitáveis sobre determinados indivíduos ou sobre entidades sobrenaturais.

No seu livro *Das Christentum und die Angst*²¹, a obra magna de Pfister, é realizado um grande estudo dos caminhos do cristianismo. O objetivo é tentar compreender as razões das distorções e angústias na fé cristã, tão distantes dos ensinamentos de Jesus. A psicanálise é tomada como modelo explicativo desta distorção, mas com uma diferença em relação a Freud: a *elevação* da angústia na neurose servirá de modelo para analisar a *distorção* do religioso, não sua *formação*. Seguindo 1 João, a angústia é expressão da perturbação no amor, seja por perturbação direta na pulsão amorosa ou por exacerbação do *sentimento de culpa*. Este, para Pfister, é uma forma especial de perturbação no amor²².

Para Pfister, trata-se de purificar a religião para que seja mais amorosa, mas ela própria não é considerada produto de sintomas neuróticos. Estes, para Pfister, estão presentes em todas as manifestações, pois é próprio do ser humano projetar sobre cada área da sua vida os conteúdos do seu psiquismo: “o cristão neurótico neurotiza o cristianismo e o transforma em um sistema que apenas conserva algumas semelhanças externas com os objetivos do Mestre”²³. Nesta frase, estão postos o paradigma de Pfister para analisar as distorções do religioso e também sua compreensão psicanalítica

20 Traduzo por angústia para manter a etimologia comum com o termo alemão *Angst*.

21 O. PFISTER, *Das Christentum und die Angst*; doravante abreviado por CA.

22 Este é o tema do capítulo III da dissertação da autora.

23 CA, p. 445.

dos desvios ocorridos na história cristã: a angústia e a culpa – ambas perturbações da pulsão amorosa – deturpam a apreensão do Evangelho.

A abordagem do demoníaco no decorrer da história do cristianismo também segue este parâmetro – o crescimento das representações do mal é proporcional à ocultação da dimensão amorosa do Evangelho. Já no apóstolo Paulo, Pfister encontra traços neuróticos de ocultação do amor: “Sobre o pano de fundo da angústia religiosa sua devoção teve de assumir um caráter fanático.”²⁴ O grande papel de Satanás e de seus anjos – e Pfister comenta que “anjos” em Paulo, na maior parte das vezes, se refere a esta dimensão demoníaca – bem como de “potestades” e “domínios”, é interpretado como resultado de “angústias não dominadas”²⁵. Para Pfister, os textos de Paulo retratam a mescla de angústia e amor e, por isso, deturpam a fé amorosa legada por Jesus Cristo.

No *catolicismo* acontece um incremento ainda maior das representações de angústia:

A criança católica já cresce mergulhada num mar de representações angustiadas, como do inferno, da condenação eterna, do diabo e seus demônios. Todos eles requerem uma porção de manobras protetoras, que por sua vez também se tornam geradoras de angústia. Deus torna-se distante, não mais o Pai amoroso como Jesus o apresentara, mas fixado na impessoalidade da Trindade. A ênfase na morte expiatória de Jesus como núcleo da redenção provoca um reforço na angústia e no distanciamento de Deus, pois este é mostrado como juiz capaz de matar o próprio filho, [...] “exatamente o que destrói o centro da concepção de Deus, isto é, o amor e a graça de Deus”.²⁶

O próprio Cristo é tornado sinistro [*unheimlich*]²⁷ e distante, com a ênfase no seu papel julgador e a inserção de intermediários. Pfister ressalta que, quando a representação de Deus perde o caráter amoroso, surge a imagem do pai carregada com os afetos ambivalentes. Sem a proteção amorosa divina, o mundo é tornado sombrio com o incremento do poder do demoníaco.

Esse aspecto não é prerrogativa do catolicismo; para Pfister, os reformadores também ressaltaram as forças sinistras. Em *Calvino*, Pfister encontra *incomum abundância*²⁸ de traços neuróticos obsessivos, que causa-

24 CA, p. 189.

25 CA, p. 199.

26 Karin WONDRAČEK, *O amor e seus destinos*, p. 123.

27 A expressão *unheimlich* conserva o radical *heim* – lar, o que expressa que o conteúdo agora percebido como sinistro outrora era familiar. Esta é a base do escrito de Freud *Das Unheimliche*, de 1925.

28 CA, p. 381.

ram muito sofrimento ao reformador de Genebra, como também – ou ainda mais – aos que o cercaram. Baseado nos relatos a respeito da infância de Calvino, cheia de castigos e vazia de carinho, Pfister deduz que a representação de Deus recebera a projeção da ambivalência para com o pai, como também a submissão total a ele. O modo intenso de expressar a relação com Deus é interpretado como característico de “filhos que compensam graves fantasias de culpa com o culto fanático ao pai”²⁹. Quando Calvino faz da luta pela honra de Deus o objetivo maior da doutrina cristã, isto se revela como “um efeito da reação psicológica necessária por sua *secreta demonização de Deus*”³⁰, para compensar um impulso de ódio ao pai recusado na consciência. Como evidência, Pfister menciona a ausência de referências ao amor divino. Nas quatro mil citações das *Institutas*, apenas uma faz referência a que “Deus é amor”. Esta é a base para Pfister interpretar: “o que Calvino lia no Evangelho revela-nos como ele era”³¹.

A fé religiosa não dissolveu a angústia, antes a intensificou, e por isso é necessário projetar sobre outras pessoas os afetos que causam conflitos: a sexualidade é percebida como ameaçadora e o desejo sexual é tomado como tentação do demônio; esta é uma das fortes razões para a condenação de milhares de mulheres à fogueira por bruxaria. Tanto nos meios reformados como no ambiente católico, é através desta demonização do outro que os indivíduos e grupos religiosos fazem frente a seus impulsos reprimidos.

Lutero faz uma experiência maior da graça de Deus, e sua concepção do divino reveste-se de atributos mais amorosos. Contudo, a ambivalência em relação ao pai faz com que o reformador continue atribulado mesmo após experimentar a graça salvadora e não supere completamente a angústia no amor. As representações angustiantes continuaram em ação nas características misteriosas de Deus, na sua predestinação, na *força do diabo* e no Juízo Final aterrorizante. Para Pfister, são os conflitos infantis não-resolvidos que fazem Lutero continuar sofrendo com pesadas angústias, mesmo que as tenha considerado como parte da pedagogia e sabedoria divina³².

29 CA, p. 356.

30 CA, p. 384.

31 Karin WONDRAČEK, *O amor e seus destinos*, p. 129, e CA, p. 385.

32 Karin WONDRAČEK, *O amor e seus destinos*. Vide seção 3.6 – Pfister como analista de Lutero.

4 - Pescando conclusões relativas

Tanto Freud como Pfister primaram por interpretar psicanaliticamente os fenômenos e as angústias com o sobrenatural. Com esta explicação psicológica, penso que se pode dar conta de uma série de fenômenos, mas será que de todos?

Theodor Mahlmann refere-se ao risco redutor das interpretações freudianas dos fenômenos religiosos:

[...] justamente a “gênese psíquica” das representações religiosas, sua interpretação como “ilusões”, e a descrição exata deste resultado, ainda não decide a respeito da veracidade das mesmas. Portanto *precisa* (e não apenas *pode*) deixar em aberto esta questão. Freud, como muitos antes e depois dele, deparou-se com o fato de que *precisamos distinguir entre gênese e validade* de uma representação ou afirmação.³³

Distinguir entre gênese e validade... Paul Ricoeur comenta que a psicanálise pode falar de deuses, mas não de Deus – este não é âmbito dela³⁴. Herrera Fernandez³⁵ nomeia a psicanálise de *teologia negativa*, capacitada a mostrar quem Deus não é. Aplicando estes parâmetros ao nosso tema, diria que a psicanálise pode falar do demônico, mas não do Demônio; a psicanálise pode falar de possessões do Id ou do Superego, mas não declarar que isto englobe todas as formas de possessões. Ela pode ser uma *demonologia negativa* e, neste sentido, auxiliar muito a alertar contra sistemas religiosos que demonizam todos os acontecimentos e sentimentos. Deste modo, cumpre a função de purificar o comportamento religioso e libertar o sujeito para que não fique preso nas malhas das suas projeções de angústia sobre o sobrenatural.

Nesta perspectiva, a clínica psicanalítica torna-se lugar de libertação e de crescimento, de assumir corajosamente seus amores e seus ódios, sem atribuí-los a outras instâncias. Em resumo, trata-se de renunciar ao direito de projetar no demoníaco o que é próprio. Este é o terreno da interpretação freudiana, mar do inconsciente individual e suas manifestações no pensamento, no corpo, nos fenômenos de grupo e na cultura. Deste modo, a psicanálise exercita sua função de hermenêutica da suspeita, desmascarando ídolos, “quer estes se encontrem em templos, quer em universidades”³⁶. A her-

33 Theodor MAHLMANN, Was verstand Freud genau unter “Illusion”..., p. 97.

34 Paul RICOEUR, *Da interpretação*.

35 Ricardo HERRERA FERNANDEZ, *Freud, el teólogo negativo*.

36 Oskar PFISTER, na carta introdutória a *A ilusão e o futuro*, in: Karin WONDRAČEK (Org.), op. cit.

menêutica da suspeita sobre o demoníaco também desmascara estas entidades, quer estas se encontrem em terreiros ou em cultos de exorcismos. Mas, para não se tornar reducionista, é necessário que analistas e teólogos tolem um não-saber prévio para que possam ouvir sobre fenômenos naturais e sobrenaturais – tanto de sonhos premonitórios, revelações e fenômenos cárticos quanto de possessões e opressões.

A angústia perante o desconhecido não pode ser resolvida com a redução do objeto a conhecer. O sobrenatural pode equivaler a peixes que me escapam, maiores ou menores que as dimensões que domino. O critério freudiano de que a interpretação correta aniquila o sintoma também deveria ser respeitado aqui: se o fenômeno persistir após sua interpretação, há que remetê-lo a outra ordem – natural ou sobrenatural. A psicanálise não pode se apropriar indevidamente do direito de decidir sobre o que colocar nos átrios do saber e do crer, do que seja real ou irreal, natural ou sobrenatural. Ao fazê-lo, perde seu lugar de hermenêutica da suspeita e converte-se em dogmatismo.

Pfister louva a Freud pela renúncia a cingir o manto de profeta e a resignar-se com o de meteorologista, sabendo que mesmo ali há perigo de engano³⁷. O engano maior – voltando à linguagem de pesca de Rubem Alves – está no perigo de subordinar toda realidade do oceano ao tamanho da própria rede. O inconsciente freudiano e seu princípio de realidade não podem ser a última palavra sobre a complexidade de dimensões do viver e do morrer.

Esta também é a crítica do teólogo Paul Tillich, que, embora reconhecendo o imenso valor da psicanálise para descrever a alienação humana, faz a ressalva de que esta extrapola seu papel se pretender abarcar o todo³⁸. Há outras dimensões a considerar, âmbitos complexos do bem e do mal, do sobrenatural e do natural, de realidades que ultrapassam a dimensão da existência:

O mal-estar da cultura em Freud mostra que ele é coerente com seu julgamento negativo da pessoa na sua alienação existencial. Mas, se avaliamos a pessoa apenas pelo ponto de vista da sua existência e não consideramos sua natureza essencial, quando tratamos sua alienação de modo excludente e perdemos de vista sua bondade essencial, não podemos, na prática, chegar a outra avaliação.³⁹

37 Ibid., p. 19.

38 Paul TILLICH, *Teologia sistemática*, p. 265 ss.

39 Id., *Die theologische Bedeutung von Psychoanalyse und Existentialismus*, p. 310. "Freuds Unbehagen an der Kultur zeigt, dass er sehr folgerichtig in seiner negativen Beurteilung des Menschen in seiner existentiellen Entfremdung ist. Wenn man allerdings den Menschen nur

A expressão “bondade essencial” remete de volta a Pfister e à sua fé no Evangelho amoroso de Jesus Cristo como poder de superação de angústias e alienações de toda ordem. O amor divino supera o demoníaco, qualquer que seja o nível de realidade ou supra-realidade em que este se apresentar. Para Ricoeur, também é o amor que introduz um corte no princípio de realidade freudiano, e é sobre sua conclusão que teço pequenas variações:

A fé [e a angústia] do crente não pode sair intacta dessa confrontação [com a psicanálise], mas tampouco a concepção freudiana da realidade. Ao dilaceramento de uma responde o dilaceramento da outra. À cisão que o *sim* a Freud introduz no âmago da fé [e da angústia] dos crentes, [...] responde a cisão que o *não* a Freud introduz no âmago do princípio freudiano da realidade, separando da simples resignação à Ananké [necessidade] o *amor* da Criação.⁴⁰

A fé é confrontada e a realidade ampliada – este o fecundo resultado do amigável embate entre teologia e psicanálise. Para concluir, retiro trechos da *Tulha* de Adélia Prado, nossa poetisa que ousa pescar em várias profundidades e redes e convive com angústias não-projetadas e com o mistério:

Ontem de noite a tentação me tentou,
no centro da casa escura, no meio da noite escura.
A noite dura seu tempo, mas a barra do dia barra,
espanca a soberba das trevas.
O que trêmulo e choroso vagou nos cômodos quietos
encontra os pardais falando,
Mulheres com suas trouxas reverberando no sol.
*Declaro que a vida é ótima,
a realidade múltipla,
os nossos sentidos fracos.*
Mais belo que o épico é o homem pacientemente
esperando a hora em Deus for servido.⁴¹

unter dem Gesichtspunkt seiner Existenz sieht und seine essentielle Natur nicht berücksichtigt, wenn man ausschliesslich seine Entfremdung betrachtet und sein essentielles Gutsein aus dem Auge verliert, kann man in der Tat zu keiner anderen Beurteilung kommen.”

40 Paul RICOEUR, op. cit., p. 439.

41 Adélia PRADO, *Tulha*, In: 199. p. 165. O grifo é meu.

Bibliografia

- ALVES, Rubem. *Filosofia da ciência*. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- HERRERA FERNÁNDEZ, Ricardo Cabezas. *Freud, el teólogo negativo*. Salamanca: Universidad Pontificia, 1989.
- FREUD, Ernst; MENG, Heinrich (Orgs.). *Cartas entre Freud e Pfister: um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã*. Tradução de Ditmar Junge e Karin Wondracek. Viçosa: Ultimato, 1998.
- FREUD, Sigmund. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- MAHLMANN, Theodor. Was genau verstand Sigmund Freud unter “Illusion” oder wie weit reicht die Religionskritik? *Wege zum Menschen*, v. 46, p. 79-101, 1994.
- PFISTER, Oskar. Die Illusion einer Zukunft. Em português: A ilusão de um futuro. In: Karin WONDRAČEK (Org.). *O futuro e a ilusão: um embate com Freud sobre psicanálise e religião*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- _____. Neutestamentliche Seelsorge und psychoanalytische Therapie, *Imago*, v. 20, p. 425-443, 1934.
- _____. *Das Christentum und die Angst*. Zürich: Artemis, 1944.
- PRADO, Adélia. *Poesia reunida*. São Paulo: Siciliano, 1999.
- RICOEUR, Paul. *Da interpretação: ensaio sobre Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- TILLICH, Paul. Die theologische Bedeutung von Psychoanalyse und Existentialismus. [1955]. In: id. *Gesammelte Werke*. v. VIII, p. 304-315. [Em inglês: *Psychoanalysis, Existentialism and Theology*].
- _____. *Teologia sistemática*. São Leopoldo: Sinodal, 1987.
- WONDRAČEK, Karin Hellen Kepler. *O amor e seus destinos: um estudo de Oskar Pfister como contribuição ao diálogo entre teologia e fé cristã*. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo: IEPG, 2002.
- _____. (Org.). *O futuro e a ilusão: um embate com Freud sobre psicanálise e religião*. Petrópolis: Vozes, 2003.